









MODERNO EM QUADRINHOS:

A ORALIDADE E A TRANSCRIÇÃO EM JOE SACCO

Francine Natasha Alves de Oliveira

Adelaine LaGuardia

Universidade Federal de São João del Rei

Resumo

Hoy día, llama la atención los variados temas y la osadía de las formas de narra una historieta. El foco de este artículo es la obra de Joe Sacco, que ha publicado narraciones sobre los conflictos de la Palestina en el inicio de los años 1990 y sobre la Guerra de la Bosnia, que ha terminado en 1995. Indo a las ubicaciones sobre las cuales escribe, Sacco entrevista personas y oye sus narraciones, que transcribe, en el formato de historietas, juntamente con sus propias experiencias como viajante. Esa abordaje permite la análisis comparada del narrador en Joe Sacco con el narrador de Benjamin (1934) y también con el narrador pos-moderno.

Palavras-chave

Joe Sacco, historieta, narrador, guerra, memória.

1. Introdução

O gênero das histórias em quadrinhos pode ser considerado uma forma de entretenimento que atende a públicos de todas as idades. Porém, prevalece o pressuposto de que as publicações deste segmento são destinadas apenas ao público infantil e adolescente. De fato, são as revistas para jovens que representam a maior parte do lucro das editoras. Com o avanço das mídias e sua consequente facilidade de produção e de divulgação, os mercados mais restritos vêm se tornando cada vez mais acessíveis. Dentre eles, está o quadrinho para adultos.

Edward Said (2001) descreve a temática desse tipo de publicação como algo que varia entre o inspirado e fantástico ao sentimental e tolo, mas todas apresentam uma abordagem direta típica, resultante da mistura de imagens e textos.

Diferente da mídia controlada, como o jornal impresso ou mesmo a televisão, o estilo direto dos quadrinhos pode incluir imagens fortes, que dividem o espaço com textos curtos e indicações onomatopéicas, em uma espécie de caos organizado (Said, op. cit.). Este é o caso da obra de Joe Sacco sobre dois acontecimentos contemporâneos: o conflito entre palestinos e israelenses e a complexa guerra da Bósnia. Misturando páginas explicativas e relatos dos habitantes de cada local que estiveram envolvidos com as guerras em questão, Sacco transpõe, para os quadrinhos, os acontecimentos narrados a ele oralmente. A partir disso, observamos neste trabalho os procedimentos do relato, de forma a por em discussão a tarefa do narrador, comparando os procedimentos narrativos de Joe Sacco com aqueles do narrador benjaminiano, bem como do narrador pós-moderno, nos termos descritos por Silvano Santiago.

O corpus de análise é constituído de quatro publicações: *Palestina – Uma nação ocupada* (2000); *Palestina – Na Faixa de Gaza* (2005); *Uma história de Sarajevo* (2005 [2003]); *Área de Segurança Gorazde – A guerra na Bósnia Oriental 1992-1995* (2005).

Teoricamente, as histórias em quadrinhos (HQs) são mais frequentemente associadas ao cinema que à literatura. Essa aproximação se dá pela consolidação do termo “arte sequencial” (Eisner, 1989), determinado pelo uso da imagem e do texto em sequência, a fim de se contar uma história. Apesar de a análise dos desenhos ser feita com base na teoria cinematográfica (no que diz respeito ao enquadramento, foco, cortes, determinação da sequência de imagens propriamente dita etc.), a questão textual pode ser vista além do roteiro, suscitando discussões de cunho literário – que se tornaram ainda mais pertinentes a partir da década de 1980, com o surgimento das principais publicações em quadrinhos para adultos e, posteriormente, de títulos consagrados em premiações literárias¹. Para se entender as mudanças ocorridas nessa arte ao longo do tempo, é preciso observar sua trajetória com base em alguns dos principais acontecimentos históricos.

Especificamente, o quadrinho, tal como é conhecido atualmente surgiu em 1895, nos Estados Unidos, a partir de uma criação de Richard Outcalt. Um personagem chamado *Yellow Kid* trazia frases escritas em sua camiseta e originou o principal elemento a ser incorporado nas HQs: os balões de fala (Moya, 1972). Como as charges, as histórias eram publicadas principalmente em jornais e tratavam de acontecimentos recentes ou faziam críticas ao sistema e à situação do período, quase sempre com humor. O sucesso do estilo deve-se exatamente ao uso de ilustrações, que facilitavam o entendimento – ou mesmo a leitura – para os leitores menos instruídos.

¹ *Maus*, publicado por Art Spiegelman em 1972 e, posteriormente, em versão definitiva, sendo um volume em 1986 e outro em 1991, recebeu um Prêmio Pulitzer em 1992 (Marcuse, 2002). *Watchmen*, de Alan Moore, lançado nos Estados Unidos entre 1986 e 1987, recebeu um Prêmio Hugo de ficção científica em 1988 (Mann, 1994), além de ser listado pela revista *Times* como um dos 100 melhores romances já publicados (Grossman; Lacayo, 2005). A história *A Midsummer Night's Dream*, publicada em 1990, na série *Sandman*, de Neil Gaiman, recebeu o *World Fantasy Award* de 1991 (Lancaster, 2000).

Cf. GROSSMAN y LACAYO (2005). All-TIME 100 Novels. *Time Entertainment Magazine*. 16 de outubro de 2005.

Cf. MARCUSE, Harold (2002). Reading Questions and Resources for Art Spiegelman's *Maus* (1986, 1991). **UCSB Hist 133D - The Holocaust in European History**. Santa Barbara, University of California Santa Barbara.

Cf. LANCASTER, Kurt (2000). Neil Gaiman's *A Midsummer Night's Dream*: Shakespeare Integrated Into Popular Culture. *Journal of American and Comparative Cultures*, Fall 2000, n.23.3. Durango, Colorado, Fort Lewis College, p.69-77.

As histórias de ação e os super-heróis surgiram no contexto da crise estadunidense de 1929 e proliferaram no final dos anos 30. Eram indivíduos com poderes fantásticos que salvariam a humanidade de suas mazelas, quaisquer que fossem, uma esperança para os americanos que pensavam em desacreditar no “*American way of life*” e na efetividade do sistema capitalista (idem).

Para explicar o desenvolvimento dessas publicações e a importância que adquiriram, Klawns e Cohen (1970: 108) afirmam que “(...) é necessário que a história em quadrinhos seja entendida como um produto típico da cultura de massa ou especificamente da cultura jornalística”. A compreensão dessas “imagens-texto” como meio de comunicação fez com que os quadrinhos ultrapassassem, aos poucos, o nível de objeto de entretenimento, transformando-se em um meio alternativo de leitura com grande poder de influência psicológica e social.

A importância cultural e contextual da arte sequencial pode ser percebida, por exemplo, no surgimento do herói *Capitão América*, em 1941, criado por Joe Simon e Jack Kirby para combater o nazismo. Outro exemplo, desta vez no período da Guerra Fria, foi o lançamento do *Quarteto Fantástico*, em 1961, por Stan Lee e Jack Kirby, ocorrido poucos meses depois de o pioneiro cosmonauta soviético Yuri Gagarin ter realizado a primeira viagem para o espaço – a menção à corrida espacial é feita justamente quando os quatro super-heróis se preparam para uma viagem espacial (Vilela, 1996).

Nesse processo de amadurecimento, os autores começaram a explorar diferentes temas e a experimentar novas técnicas, tanto de ilustração quanto de escrita. O fim da Guerra Fria trouxe a emergência da pós-modernidade e, com ela, novas temáticas possíveis. Nas artes e na cultura instalou-se um clima de questionamento e ceticismo, refletido nas produções que se seguiram – dentre elas, os quadrinhos.

A obra de Joe Sacco se encontra, predominantemente, nesse contexto pós-moderno. Autor de quadrinhos autobiográficos, ele iniciou a carreira desenhando suas experiências ainda jovem, mas se destacou, de fato, com seus relatos de guerras recentes. Misturando sua própria visão com os relatos de entrevistados que encontra em suas viagens, Sacco produziu obras que, hoje, lhe conferem o status de referência no estilo denominado “quadrinho jornalístico”.

Outra característica de sua obra é o fato de optar por apresentar as versões e visões dos lados menos favorecidos, normalmente aqueles que não receberam apoio ocidental, como é o caso do conflito entre Israel e a Palestina. O acontecimento é relatado por Sacco (2000) sob o ponto de vista palestino sob justificativa de que, ao povo ocidental, é transmitida apenas a versão israelense dos fatos, que obteve suporte da Europa e dos Estados Unidos. Sua motivação fica clara nas páginas em que reproduz uma conversa com uma mulher de ascendência iraquiana que encontrou em Berlim (cf. Sacco 2001, anexo, figura 1).

2. Narrando por si e pelos outros

Apesar de serem frequentemente classificados como “quadrinhos jornalísticos” (Arbex, 2000), o caráter narrativo das obras de Sacco (2000, 2005a, 2005b, 2005c) se sobrepõe ao informativo.

Em diversos quadros, Sacco desenha a si mesmo tomando notas num pequeno caderno (cf. Sacco 2001, anexo, figura 5) enquanto ouve o que lhe narram. Diferente do visitante, os habitantes dos locais em guerra tiveram pouco acesso à educação, sendo raros os que são devidamente instruídos. Muitos param de frequentar a escola quando começam os conflitos, sob o risco de perderem suas vidas. Sendo assim, é comum que a maior parte de suas tradições seja mantida oralmente, e o mesmo acontece com suas experiências, transmitidas às novas gerações das famílias para que sirvam de exemplo, seja para os futuros lutadores, seja para que se evitem novas guerras, ou ainda para que se mantenham vivas as histórias das nações envolvidas.

Para buscar manter um registro fiel da aparência física das pessoas que encontrava, o autor as fotografava, às vezes com toda a família, bem como algumas das paisagens que reproduziria em seus desenhos. O resultado é uma composição bastante detalhada, numa mistura de realismo e caricatura, esta última responsável pelo humor que permeia a maior parte das narrativas de Sacco sobre si mesmo (cf. Sacco 2001, anexo, figura 3). Usar técnicas como a ironia e o sarcasmo, por vezes, ameniza a leitura da história como um todo, por contrastarem com a força e o impacto dos demais relatos

Nas páginas de suas HQs, ele é um observador e ouvinte que narra em primeira pessoa o processo de coletar entrevistas pelo qual passa em cada local que visita. Dirigindo-se aos locais dos acontecimentos para construir seus quadrinhos, torna-se uma espécie de “narrador (...) que vem de longe” (Benjamin, 1994 [1936]: 198) ao transmitir suas experiências como aquele viajante que chega de locais remotos. O que transmite são as narrativas orais dos atingidos pela guerra: viver em meio aos conflitos fez com que se tornassem experientes, independentemente da idade. É ainda importante ressaltar que a própria forma de retomada destas histórias pelo quadrinista, conjugando escrita e ilustração, com o uso de balões de fala e linguagem informal transmite ao leitor uma sensação próxima à oralidade.

Diferente do viajante descrito em Benjamin (idem), contudo, o narrador, neste caso, não viveu as experiências de guerra, mas se dirige aos locais em que ocorreram conflitos, para coletar as histórias de outros. O que é narrado, em primeira pessoa, são as próprias “aventuras” do entrevistador, em território estrangeiro e, muitas vezes, ainda hostil e tomado por tensões. Por um lado, a proximidade de Sacco com o que narra é física na medida em que o quadrinista vai até cada lugar sobre o qual pretende escrever, falando diretamente com cada um dos indivíduos que, então, lhe transmitem sua vivência. Por outro lado, o autor não participa dos acontecimentos, mas, antes, os

observa em sua condição de visitante estrangeiro. Extraíndo-se do acontecimento da guerra, Sacco se encaixa na descrição do narrador pós-moderno (Santiago, 1986).

Uma questão a se levar em conta, no entanto, é a presença do narrador em locais ainda tomados por conflitos, nos quais ele presencia acontecimentos, estando ao lado de palestinos e correndo um perigo real, uma vez que os protestos ocorrem nas ruas e não há proteção a não ser para oficiais israelenses (cf. Sacco 2001, anexo, figura 3). Nesses momentos, ele narra sua própria experiência, como testemunha direta e sujeita às fatalidades de uma guerra em curso.

A narrativa assume um foco diferente quando o "narrador-visitante" se coloca diante dos entrevistados que se tornam, então, os narradores de suas histórias. É nesse sentido que Sacco dá voz às vítimas, buscando mostrar um lado frequentemente ignorado pelos meios de comunicação ocidentais.

2.1. Oriente Médio

No primeiro livro sobre a Palestina, chama a atenção de Sacco o quão ansiosos estão os homens para contar-lhe sua história, pedindo que as espalhe pelo mundo, para que todos saibam da real situação (cf. Sacco 2001, anexo, figura 1). Ainda que questionem os motivos e a efetividade do trabalho daquele visitante, os cidadãos locais se mostram gratos pelo fato de um ocidental interessar-se pela questão palestina.

As entrevistas são feitas ao acaso, conforme o quadrinista vai se encontrando com indivíduos dispostos a contar suas histórias ou a apresentar-lhe outras pessoas que tenham passado por experiências marcantes. Hospedado num hotel em Jerusalém, escolhe as cidades para onde ir de acordo com a disponibilidade dos táxis, que compartilha com outros palestinos. Segundo o próprio autor, é difícil encontrar alguém que não tenha nada a contar (cf. Sacco 2001, anexo, figura 6), pois mesmo as crianças conhecem o sofrimento de ter os pais presos, agredidos ou até assassinados.

Sua trajetória em território estrangeiro é também narrada, inclusive quando segue de um local a outro: a visitação ao templo em Jerusalém, o caminho para a Cisjordânia, a situação das estradas e das moradias precárias, as dificuldades de se viajar dentro do território, os protestos e conflitos menores que presencia, o funeral de um palestino militante, as crianças que o cercam para praticar o inglês. Nesse caso, o narrador compartilha sua experiência na condição de visitante - e, como visitante, é também um observador. A distância entre o estrangeiro e o habitante local diminui com o contato direto e com a curiosidade mútua, mas permanece um limite que é a relação dos nativos com os visitantes ocidentais.

O segundo livro sobre a Palestina mantém seu estilo de composição, tratando especificamente de uma viagem à Faixa de Gaza (2005). Sacco vai a dois campos de

refugiados, um deles considerado o berço da Intifada, cuja história é relatada ao visitante pelos próprios ativistas responsáveis pelo início da revolta (cf. Sacco 2001, anexo, figura 5). Refazendo o caminho que haviam tomado no motim, os "garotos" (Sacco chega a se referir a eles como crianças, explicando que o mais velho tem por volta de vinte anos de idade) contam o que houve no dia do conflito. Essa passagem é contada tanto pelo narrador que ouve os palestinos enquanto caminham quanto pelos próprios entrevistados, cujas falas são diretamente reproduzidas na forma de balões. A importância do relato desses indivíduos, em específico, está na própria identificação dos sujeitos, distinguidos da massa revoltosa que fora noticiada nos jornais.

O retorno ao território palestino foi motivado por um convite vindo de um professor voluntário em Gaza. Hospedado, então, na casa de Sameh, em Jabalia, o quadrista tem a oportunidade de ver um campo cercado por soldados israelenses de uma forma que a ONU (Organização das Nações Unidas) não mostra aos turistas que ali chegam.

Como na obra anterior, Sacco ouve a história de diversas famílias refugiadas e de ativistas que lutam contra a ocupação. Mais que na Cisjordânia, em Gaza a precariedade da situação é agravada pelo isolamento e pela forma como os órgãos de suporte estrangeiros evitam que os turistas tenham contato direto com os palestinos, mostrados ainda pela TV ocidental como um povo hostil e extremamente violento.

2.2. Europa Oriental

Sobre a guerra da Bósnia, a primeira publicação é *Área de Segurança Gorazde – A guerra na Bósnia Oriental*, de 2000. Lançada no Brasil apenas em 2005, esclarece diversos pontos obscuros a respeito do conflito separatista que envolveu complexas questões étnicas, territoriais e governamentais. Como nas obras que tratam do Oriente Médio, algumas páginas informativas aparecem estrategicamente colocadas entre as extensas narrativas individuais.

No ano de 1995, Sacco e diversos jornalistas visitam Gorazde, uma área de segurança habitada por muçulmanos, mas cercada por território sérvio e que, eventualmente, ainda recebia suprimentos e proteção das tropas da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Muito bem recebidos, os jornalistas ficam em um hotel especialmente preparado para os visitantes e são convidados por algumas famílias a beber e a festejar – uma vez que a chegada de estrangeiros na cidade representa a chegada de suprimentos, trazidos pelo “exército de paz” (Sacco, 2005 [2000]: 8-11). Nesta viagem, o autor ouve principalmente as experiências de outros jornalistas que já estiveram no local em períodos mais turbulentos e faz amizade com o intérprete Edin. Sacco ainda volta sozinho a Gorazde três vezes, onde entrevista ex-combatentes e tem a oportunidade de ouvir também sobre a realidade do amigo, que o hospeda no que restou de sua casa.

A maior parte desse livro foca, então, na vida de Edin, de sua família e de amigos, alguns, inclusive, sérvios que se viram obrigados a deixar de falar com os vizinhos e colegas muçulmanos quando os conflitos começaram. Semelhante às outras obras, o quadrinho é construído a partir dos relatos orais.

Uma história de Sarajevo, lançada em 2003 e traduzida, no Brasil, em 2005, se passa já ao fim da guerra. O prólogo, que ocorre em 2001, é o fio condutor da narrativa que será apresentada, na forma das lembranças de Sacco. O quadrinista rememora sua viagem a Sarajevo no ano de 1995, quando conhece Neven, uma espécie de “quebra-galhos” que procura jornalistas estrangeiros para oferecer seus serviços como guia, no saguão do hotel em que se hospedara. Apesar de ter nacionalidade sérvia, Neven diz ter lutado com os Boínas Verdes, grupo paramilitar muçulmano, no qual atuou como franco-atirador (Sacco, 2005 [2003]: 26-30).

Narrando com segurança sobre os conflitos e atos heróicos de seus colegas e dele mesmo, o guia leva Sacco a diversos bares, onde o quadrinista houve depoimentos de outros que lutaram. O autor comenta que, ao andar pelas ruas de Sarajevo com Neven, todos o cumprimentavam, inclusive militares, que pareciam tê-lo em boa estima. Contudo, a credibilidade do sérvio em relação às grandes batalhas e aos feitos que narrou é questionada por um jornalista e ex-combatente, amigo de Sacco. Por meio da transmissão da narrativa daquele habitante de Sarajevo, posteriormente ilustrada, Sacco retrata a questão da guerra da Bósnia de forma crítica e irônica, expondo os problemas que resultaram dos conflitos, como o desemprego e a miséria, a exploração de civis, a corrupção dentro do próprio exército, o abuso de poder e a atenção exagerada aos turistas estrangeiros, com o objetivo de obter deles o máximo de dinheiro que tiverem. Muitas destas consequências, no entanto, são suprimidas ou mesmo ignoradas pela mídia de fora do país.

Para a composição das páginas informativas, o quadrinista utiliza entrevistas e reportagens televisivas, além de mencionar, com frequência, matérias publicadas pela revista servo-croata *Dani* (Sacco, 2005 [2003]: 93-96).

3. Visões de guerras

O que se viu após a I Guerra Mundial (Benjamin, 1994 [1933]), quando o avanço tecnológico foi aplicado em armas de destruição em larga escala e a experiência das lutas em trincheiras, foi o silêncio daqueles que voltavam das batalhas. Diferente dessa falta de relatos, a II Guerra Mundial trouxe o relato dos sobreviventes, que não se tornaram vítimas devido a “privilégios” que eventualmente tiveram (Agamben, 2008 [2000]). Após 1945, diversos livros de autoria de “quase vítimas” foram publicados, e alguns dos escritores tornaram-se bastante reconhecidos, como foi o caso de Primo Levi (idem). Até hoje, são lançados supostos relatos - nem todos verdadeiros - e romances ficcionais que se passam na II Guerra, geralmente bem recebidos pelo público.

A segunda metade do século XX presenciou a tensão da Guerra Fria, em que o mundo se viu dividido em dois polos liderados pelos Estados Unidos da América e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Aproveitando-se dos cada vez mais constantes avanços em diferentes setores da tecnologia, a mídia foi se tornando mais presente no cotidiano das pessoas e os jornais televisivos passaram a ser a principal fonte de informação da classe média ocidental. Os acontecimentos eram acompanhados e transmitidos em tempo real, a cores, em imagens mais nítidas e, portanto, mais impactantes. Jornalistas especializados em coberturas de conflitos viajavam e se alojavam em meio a combatentes, esforçando-se para oferecer aos espectadores o máximo possível de proximidade com o "real".

Em seu ensaio sobre a reação humana diante das imagens de guerras, Susan Sontag (2003: 12) atesta que "as fotos são meios de tornar 'real' (ou 'mais real') assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferissem ignorar". E continua, sugerindo que "nosso fracasso é de imaginação, de empatia: não conseguimos reter na mente essa realidade" (idem: 12). O que Joe Sacco propõe, com seus quadrinhos, é a quebra dessa apatia através do conhecimento, do estabelecimento de certa proximidade até então inexistente. Porém, o quadrinista mostra as imagens e as esclarece com a narrativa daqueles que protagonizaram momentos da guerra. Neste caso, Sacco vai de encontro à crença de Woolf (apud Sontag, 2003: 14) de que "a guerra é genérica, e as imagens que ela descreve são de vítimas anônimas, genéricas". Ele não apenas dá nome, como também permite às vítimas que usem sua voz, aproximando-se daqueles que vivenciaram a guerra e transcrevendo suas palavras nas páginas dos quadrinhos. Ao empreender suas viagens, o autor parece, inicialmente, querer falar pelos subalternos e mostrar como as relações de poder são reforçadas pelo discurso midiático ocidental, promovendo uma espécie de agenciamento coletivo (Spivak, 2010), mas, na prática, e sem deixar de lado o propósito representativo social, acaba também criando condições para que eles falem, como sujeitos. A obra de Sacco permite que o leitor tome consciência da situação daqueles indivíduos e, ao mesmo tempo, abre espaço para discussões éticas e morais, tanto no âmbito da vitimização dos menos favorecidos quanto na sua real condição de atingidos e prejudicados pela guerra.

Obviamente, o nível de realismo contido tanto nas ilustrações quanto nos textos é relativo. Além de o relato de cada indivíduo ser pessoal - ainda que se trate de um acontecimento "público", ele é narrado do ponto de vista de quem o experienciou -, ele passa pela recepção do autor enquanto ouvinte e só então será transmitido ao leitor, por meio das publicações. Depende, também do quadrinista, a escolha de quem será entrevistado por ele, e sua preferência por episódios mais violentos é claramente mencionada em alguns momentos (cf. Sacco 2001, anexo, figuras 2, 3 e 4), pois garantiriam a popularidade de seus livros.

Se por um lado é possível questionar a fidelidade do que está na página dos quadrinhos em pauta, por outro, a atribuição, à obra de Sacco, do termo "quadrinho jornalístico", devido ao caráter também informativo das histórias, remete a uma busca

de objetividade que costuma caracterizar a mídia responsável pelas notícias transmitidas ao público de todo o mundo.

A importância de presenciar acontecimentos históricos como as guerras está relacionada à urgência da informação em tempos contemporâneos. A proximidade atual com que se pode observar um grande fato chega a ser considerada uma espécie de privilégio. Nas palavras de Susan Sontag:

Ser um espectador de calamidades ocorridas em outro país é uma experiência moderna essencial, a dívida acumulada durante mais de um século e meio graças a esses turistas profissionais e especializados conhecidos pelo nome de jornalistas." (2003: 20)

Como "turistas", os jornalistas não são diretamente afetados pelos conflitos, nem precisam se envolver diretamente. Sua função está restrita a ser uma plateia com o objetivo de contar ao público distante, posteriormente ou mesmo em tempo real, o que pôde ver e conhecer do caos, mas de forma generalizada e com considerável distanciamento.

4. Considerações finais

Em 1933, Walter Benjamin referia-se às grandes modificações nos modos de vida capitalista, que levaram à emergência de uma cultura jornalística, voltada à transmissão de dados e acontecimentos em substituição ao hábito de contar histórias, como resultado da impossibilidade de se compartilhar experiências, afirmação pertinente até os dias de hoje, em que se vive um furor jornalístico que parece ainda ter forças para aumentar. Nesse meio, destaca-se uma obra que valoriza o que os indivíduos têm a contar, como é o caso dos quadrinhos de Joe Sacco que, nem por isso, deixam de ter grande valor testemunhal.

O resgate de memórias recentes em busca de um ponto de vista divergente do que vem sendo divulgado pela maioria dos meios de comunicação possibilita, ao leitor, uma visão aprofundada dos conflitos abordados pelo quadrinista, revelando questões que normalmente ficam à margem dos noticiários. Ao reconstruir histórias pessoais transmitidas oralmente, o texto de Sacco adquire relevância histórica. Ao escrevê-las e ilustrá-las, o quadrinista toma para si a responsabilidade de guardá-las do esquecimento histórico e de assegurar a sobrevivência da memória de nações não reconhecidas formalmente: a nação palestina, que luta pela formação de um Estado e a nação iugoslava, que já se desintegrou.

Bibliografia

ARBEX, José (2000). Prefácio. In: SACCO, Joe. *Palestina - Uma nação ocupada*. São Paulo, Conrad.

BENJAMIN, Walter. (1994) [1933]. Experiência e pobreza. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Ed. Brasiliense, p. 114-119.

----- (1994) [1935]. O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Ed. Brasiliense, p. 195-221.

EISNER, Will (1989). *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo, Martins Fontes.

KLAWA y COHEN (1972) [1970]. Os quadrinhos e a comunicação de massa. MOYA, A. *SHAZAM!*. São Paulo, Perspectiva, p. 103-124.

MANN, Laurie (1994). Hugo Award Winners from the 1980s. *Award Web*. Disponível em: dpsinfo.com/awardweb/hugos/80s.html. Acessado em: 02 de janeiro de 2012 às 11h53min.

MOYA, Álvaro de (1972). *SHAZAM!*. São Paulo, Perspectiva.

OLIVEIRA y PASSOS (2009). Joe Sacco: Jornalismo Literário em Quadrinhos. *Comunicarte*. Campinas, vol. 28, n.38, p.7-21.

SACCO, Joe (2000). *Palestina - Uma nação ocupada*. São Paulo, Conrad.

----- (2005). *Palestina - Na Faixa de Gaza*. São Paulo, Conrad.

----- (2005) [2000]. *Área de Segurança Gorazde - A guerra na Bósnia Oriental 1992-1995*. São Paulo, Conrad.

----- (2005) [2003]. *Uma história de Sarajevo*. São Paulo, Conrad.

SAID, Edward (2001). Homage to Joe Sacco. SACCO, Joe. *Palestine*. Seattle, Fantagraphics Books.

SANTIAGO, Silvano (1986). O narrador pós-moderno. *Nas malhas da letra*. São Paulo, Companhia das Letras.

SONTAG, Susan (2003). *Diante da dor dos outros*. São Paulo, Companhia das Letras.

SPIVAK, Gayatri C (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, Editora UFMG.

VILELA, Túlio (1996). Quadrinhos e 2ª Guerra Mundial - Capitão América e os roteiristas judeus. *UOL Educação*. Disponível em: educacao.uol.com.br/historia/quadrinhos-e-2-guerra-mundial-capitao-america-e-os-roteristas-judeus.jhtm. Acessado em: 02 de janeiro de 2012 às 22h30min.

----- (1996). *Quadrinhos e Guerra Fria - Gibis retratam o conflito entre EUA e URSS. UOL Educação*. Disponível em: educacao.uol.com.br/historia/quadrinhos-e-guerra-fria-gibis-retratam-o-conflito-entre-eua-e-urss.jhtm. Acessado em: 02 de janeiro de 2012 às 22h32min.

ANEXOS

SACCO, Joe (2001). *Palestine*. Seattle, Fantagraphics Books, pp. 04, 07, 120, 129, 192, 196.

FIGURA 1

FIGURA 2

FIGURA 3

VIII Congreso Internacional de Teoría y Crítica Literaria Orbis Tertius
Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria - IdIHCS/CONICET
Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación
Universidad Nacional de La Plata

FIGURA 4

FIGURA 5

FIGURA 6